

anorama

MANÁRIO DA CIDADE E CONCELHOS DE VIANA DO CASTELO

nero 8

director: Gil do Lago

Quinta-Feira, 10 Junho 2010

novopanorama@sapo.pt

80 cêntimos



**“Somos uma
terra de leiras
pequenas com
grandes
muros”**

-Rui Teixeira fala do posicionamento do IPVC no desenvolvimento da região e da relevância do Ensino para o progresso

GrandeENTREVISTA

Rui Teixeira é presidente do Instituto Politécnico de Viana do Castelo que congrega diferentes estabelecimentos de ensino pelo distrito e é responsável por entidades que regem os politécnicos ao nível nacional. Especialista na área da Saúde, o Ensino é também a sua paixão, bem como a sua terra. Perfeito conecedor do distrito sublinha que quer contribuir para a sua terra... na sua terra.

Gil do Lago

Há 20 anos atrás previa estar na cadeira onde está sentado?

Confesso que me adivinhava com múltiplas ocupações mas nunca me passou pela cabeça que pudesse alguma vez vir a assumir as funções que hoje desempenho, como presidente do IPVC e muitas outras de nível nacional que hoje também desempenho. Estou cá por um conjunto de circunstâncias, de facto imaginava-me professor, especializado na área da Saúde, onde trabalhei muitos anos em hospitais e centros de saúde. Sempre quis ter um papel activo na formação global de vários tipos de quadros, quando me dediquei à formação de médicos, enfermeiros, professores, por ter um particular interesse pela formação de activos e pela formação de profissionais na área da Saúde. Estar neste momento no exercício destas funções, o de presidente do IPVC, foi apenas por me ter cruzado com o homem que o fundou, o professor Lima de Carvalho, e de alguma forma coincidimos numa visão de um projecto para a instituição e o facto de ele estar de saída e eu de chegada em termos profissionais. Mas hoje não se imagina a fazer outra coisa. Imagino o exercício destas funções transportado para outros gozinhos e outros patamares. Hoje imagino-me em qualquer sítio onde, pela porta da



cultura, ciência, da gestão ou administração de entidades, possa ajudar um dos maiores amores que é o Alto Minho.

Em que patamar está hoje o IPVC?

O IPVC é uma unidade de Ensino Técnico Superior Público que está hoje no patamar que eu chamaria de grande dignidade, quer no panorama nacional, quer internacional, pelo trabalho das pessoas que o constituem e beneficiando da profunda reforma, a maior dos últimos 150 anos, e que agora estamos a acabar a sua implementação. Uma instituição deste tipo tem de ser olhada como organismo vivo, tem momentos em que goza a plenitude do uso do seu ser, tem momentos que tem de tomar força e seguir novos caminhos, de qualquer modo o IPVC é uma instituição de muita qualidade, cuja dimensão principal é servir o desenvolvimento do país e da sua região, através da formação das pessoas, através da promoção de conhecimento, de cultura e prestação de serviços especializados e apesar de estarmos numa posição que diria, confortável, o próprio ranking nacional, o que nos estimula é o que temos para fazer.

Acha que o IPVC tem a sua marca, a marca da sua liderança como presidente desta instituição?

Espero que não, apesar de considerar que as pessoas são o mais importante nas organizações. Compararia muito o papel das pessoas nas instituições como o papel de um árbitro num jogo de futebol, é um elemento estruturante, sem árbitros dificilmente haverá jogo, mas é muito bom que no fim do jogo se perceba que houve um excelente espectáculo e que não seja necessário referir o árbitro. É dentro desta conduta que preconizo que gostava que assim acontecesse e que se dissesse depois da minha passagem pelo politécnico. Importava-me de facto levar ao extremo o jogo do desenvolvimento da minha região e do país, pelo cumprimento cabal da missão que um politécnico tem como entidade promotora de cultura e conhecimento e formação das pessoas. Não terei nem quero ter uma marca pessoal. Costumo dar o exemplo das manifestações do 1.º de Maio na Avenida da Liberdade. O líder do sindicato vai ao meio, e de braço dado com os outros. É assim nessa imagem que me revejo.

Mas uma instituição também passa pela a imagem do seu líder...

Hoje o conceito de gestão das organizações mudou profundamente, diria mesmo que já nem existe, as organizações do nosso tipo não se gerem, lideram-se. Tenho é o que motivar as pessoas que aqui trabalham para

"Faz sentido que se perceba que o desenvolvimento hoje não se faz por avenidas, nem numa fábrica ou numa Câmara (Municipal)."

ninguém mas procurámos saber que todos os dias de manhã nos chegam pessoas inteiras, procurámos esse bem-estar.

Cada instituição tem o seu papel no desenvolvimento da região. Como vê o papel dos diferentes intervenientes?

Demorámos muito tempo a definir coisas, como os conceitos de região, penso que agora as coisas se encaminham para perceber que este Minho faz sentido em termos europeus que seja uma única região, uma NUT na nova linguagem europeia estatísticas. Faz sentido que se perceba que o desenvolvimento hoje não se faz por avenidas, nem numa fábrica ou Câmara (Municipal). Hoje obriga a uma grande concertação em volta de um projecto onde devem ser criadas as maiores sinergias. A intensidade e a força dos diferentes vectores e que embora diferentes tenham um sentido claro — desenvolvimento da região. Cedo comecei a dizer que o grande objectivo estratégico do instituto é fazer com que os seus quase mil licenciados anuais (o politécnico no distrito forma cerca de 800, 900) que prioritariamente metade são do distrito, juntamente com Braga e Porto, devam ter a possibilidade de encontrar um posto de trabalho na nossa região. Isso é fundamental. Mas politicamente não é um objectivo ao alcance da intervenção única do IPVC. Obriga a uma perfeita concertação entre o produtor, o IPVC enquanto formador, do poder político enquanto regulador, e do poder económico que é aquele que lhe compete esse processo que é iniciativa e capacidade empreendedora.

Tem sido acompanhado nesta visão?

Já me sentí mais acompanhado. Tive a percepção inicial que este era um discurso estranho

GrandeENTREVISTA

e hoje tenho a percepção que é assimilação por todos os agentes. Não diria ainda bem assimilação, isso já pertença à acção mas é um discurso compreendido e assumido por todos os agentes, só que ainda temos muita pouca prática para a sua execução. De nos sentarmos em volta de uma mesa, os empresários, o conhecimento, o poder, e identificamos a tarefa que temos pela frente, o que significa desenvolver o Minho e o que vamos fazer nesse sentido. A ausência desta ferramenta de trabalho de desenvolvimento do próprio Alto Minho, desta prática continuada e institucionalizada, tem feito com que andemos anos e anos a fazer diagnósticos para termos uma noção muito exacta de quais as áreas em cada intervenção: mar, turismo, floresta, por exemplo. Mas temos tido uma enorme dificuldade em dizer o que cada uma destas áreas é para nós. Enorme dificuldade. O político não se pode aqui imiscuir da sua responsabilidade de contribuir para a definição desse caminho, simplesmente tem de encontrar o terreno, através de pesquisa, investigação, estudos. Esta é a área de crescimento maior que temos, sabermos efectivamente constituir-nos em termos daquilo que hoje se chama os *takeover*, em termos de parcerias, que têm a seu cargo uma tarefa muito concreta. E aí depois dá-se as orientações para dizer o que é o mar? É constituição naval, é pesca, é lazer, energia? Tudo isto? Então o que será prioritário?

Acha que é um mal português não saber definir-se a si próprio?
Normalmente temos o conceito de localizar o mal fora de nós próprios, é o nosso principal vício. Com este discurso não estou a dizer-lhe que eu próprio e a minha instituição não estamos isentos de responsabilidade. Mas é mais fácil localizar por vezes fora de nós. Em segundo lugar

entrámos sempre num discurso destrutivo e de maledicência tipicamente português, falando de um sujeito que dificilmente é concretizável, há uma palavra hoje que materializa isso, que é o "sistema".

Não se pode então falar de um espírito regional, mas sim nacional?

Estou convicto que temos dos melhores políticos do país nesta região, e se não melhores, tão bons como os outros. Raramente lutamos com casos de corrupção, são pessoas empenhadas, todos eles têm um papel excelente. Temos alguns grupos empresariais, podemos falar num caso transversal em termos mundiais, o Painhas S.A. temos uma unidade para o conhecimento, o político, que está disponível para servir. O que é que falta? Falta conseguir trabalhar em conjunto. E já vamos

dando alguns passos, nos dois últimos dois, três anos, conseguimos projectos superiores a 80 milhões de euros em parceria com associações de municípios, a do Minho, a do Lima, apesar disso esta ainda não é a regra. Esta tem sido o resultado de uma visão de oportunidade de momento em áreas para as quais alguns dos intervenientes estão sensibilizados. Lutamos muito pela instituição das redes regionais de fibra óptica, há quase 50 km de cabo instalado. Porque entendemos também que no modelo de desenvolvimento que gostaríamos de ter para o Minho, passava pela permanência das pessoas na região. É possível fazer trabalhos de alto nível científico desde que haja um computador, fibra óptica para um bom acesso, alguma capacidade de protótipo, com uma máquina que ocupa pouco espaço. É possível fazer

hoje trabalhos de alto nível sem sair da nossa terra. O conceito de proximidade alterou-se. Temos de criar as nossas proximidades, um querer colectivo. Somos uma terra de leiras pequenas com muros grandes.

Acha que as empresas têm a sua quota parte de responsabilidade?

Há por exemplo gente altamente qualificada, no mundo empresarial, que poderão ter os seus resultados, mas do ponto de vista da região a grande vítima deste trabalho em separado daqueles que seriam os parceiros naturais, mostra-se nos resultados. E onde estão? Vê-se nos níveis de desenvolvimento. O desenvolvimento aqui é ver o mar de casa. Somos litorais mas os nossos números são iguais aos do Interior. E isso acontece por não termos conseguido maximizar o muito que temos. É culpa da nossa cultura.

Do país ou própria da região?

A marca serve ao país, mas é particularmente agravada na nossa região.

Já falou do presente do IPVC, mas quais as linhas estratégicas actuais da instituição?

Na área externa tivemos uma grande preocupação, do nosso armário institucional. Temos cinco escolas superiores, até aqui eram escolas onde cada uma tinha o seu projecto. Tínhamos cinco padres, cinco santos e cinco capelas, que anunciávamos a cada um o dia da nossa festa. Hoje temos uma igreja com cinco altares, estamos no mesmo espaço do ponto de vista funcional, todos os nossos serviços se verticalizaram. Para além do armário do modelo organizacional nos últimos dois anos, 65 por cento dos funcionários mudaram de funções e não é fácil. Fizemo-lo sem atropelos e com respeito pelas pessoas, mas é um processo. Procuramos adquirir uma

outra patente para nós altamente distintiva que é a certificação como entidade formadora no Ensino Superior, primeiro em licenciaturas e depois em mestrados.

Fomos das primeiras instituições em Portugal que, de modo transversal, ao nível de todas as escolas, fomos acreditados pelas normas internacionais pelo nosso Sistema de Gestão de Qualidade. Foi importante porque neste momento não estou preocupado se alguma coisa está mal na instituição, o próprio sistema de qualidade vigia todo o seu funcionamento e tudo que seja em inconformidades amanhã há-de aparecer na reunião da qualidade para encontrar uma solução. O monstro começou a pensar. E isso deixa liberto os seus responsáveis para outras coisas da própria direcção estratégica da instituição. Depois há uma preocupação constante conosco, ter os nossos funcionários no top do conhecimento, temos 120 professores a frequentar os seus doutoramentos dentro de três, quatro anos, vamos ter praticamente a totalidade dos nossos professores doutorados.

E a investigação?

Temos uma enorme multiplicidade no trabalho de investigação, os nossos professores estão integrados em múltiplos centros de investigação mas até à última lei não havia suporte legal a investigação no Ensino Superior Politécnico. A investigação era uma actividade que não tinha o conforto no contexto da nossa actividade que tem que ter pois não pode haver ensino superior sem investigação. Nesse sentido estamos agora a estruturar, de modo transversal, por razões de massa crítica ao nível do Ensino Superior Politécnico no sentido da criação de centros de investigação.

Que visão tem do ensino em Portugal?
A primeira questão, para



...entrámos sempre num discurso destrutivo e de maledicência tipicamente português, falando de um sujeito que dificilmente é concretizável, há uma palavra hoje que materializa isso, que é o "sistema".

GrandeEntrevista (continuação)

mim básica, e que todos os governos têm olhado, e este em particular, é a de aumentar os anos de escolaridade, de tal modo que diria que até ao fim da adolescência e início da juventude o local dos nossos jovens é na escola. Esta massificação da escola põe problemas terríveis à escola. A escola não pode ter uma resposta única para um cliente tão diversificado com tantas aspirações de vida diferentes, os que querem ser catedráticos e os que querem ser feirantes, que legitimamente integram o mesmo painel de expectativas de cidadania, e por isso o papel a que está votada a escola é um problema muito complexo. A escola tem de crescer na diferenciação da resposta, é esse binómio, o estar na escola mas com uma diferenciação de resposta que vai evitar o maior flagelo que temos no secundário que é o abandono. Cinquenta por cento das crianças abandonaram. A escola está a criar respostas, hoje já há a via

profissionalizante, onde o aluno muito precocemente começa a lidar com aquilo que provavelmente quer, e a via chamada clássica. Dentro destas duas provavelmente vai ter de diversificar muitas delas, encontrar nichos de resposta diferentes, o trabalho que está a ser feito pelo ensino secundário é de um progressivo aumento da qualidade. Os professores são muito mais profissionais, antigamente tínhamos engenheiros que davam recados às escolas, isso acabou, a escola abriu-se muito mais, a família participa mais na escola, não tem essa prática, mas está a aprender muito rapidamente. Os pais têm hoje uma grande importância do que se passa nas escolas. Há factores como o *bullying*, mas penso que são esporádicos, não dizem respeito ao todo. Trinta e cinco por cento dos jovens licenciados estão no ensino superior, isto é fantástico. Há três grandes áreas que fizeram milagres no desenvolvimento do

país: o Vinho, o Futebol e o Ensino Superior. Em 1974 tínhamos no ensino superior 36 mil alunos e neste momento temos 300 mil, aumentou dez vezes em 30 anos, isto é brilhante, atendendo à especificidade e dificuldade do que é ser Ensino Superior. É um terço e já ultrapassámos a média da Europa de alunos, razão pela qual dificilmente poderemos aumentar esta cifra.

Há três grandes áreas que fizeram milagres no desenvolvimento do país: o Vinho, o Futebol e o Ensino Superior. Em 1974 tínhamos no ensino superior 36 mil alunos e neste momento temos 300 mil, aumentou dez vezes em 30 anos, isto é brilhante, atendendo à especificidade e dificuldade do que é ser Ensino Superior. É um terço e já ultrapassámos a média da Europa de alunos, razão pela qual dificilmente poderemos aumentar esta cifra.



“ Não terei nem quero ter uma marca pessoal. Costumo dar o exemplo das manifestações do 1o de Maio na Avenida da Liberdade. O líder do sindicato vai ao meio, de braço dado com os outros. É assim nessa imagem que me revejo”.

IPVC

O instituto hoje ocupa a vice-presidência do conselho coordenador dos institutos politécnicos. O politécnico hoje preside à ADISPOR (Associação de Institutos Superiores Politécnicos Portugueses) para o qual fui eleito por unanimidade por todos os politécnicos. Presido também à APNOR (Associação de Politécnicos da Região Norte) e temos também uma presença numa organização europeia de universidades de Ciências Aplicadas, que é assim que na Europa se começam a chamar os politécnicos, UCA, uma presença integrada em alguns *bureau* europeus dessa estrutura. O próprio tipo e natureza dos cargos que ocupamos o politécnico de V. castelo está numa posição de alguma honra e de muita responsabilidade.